

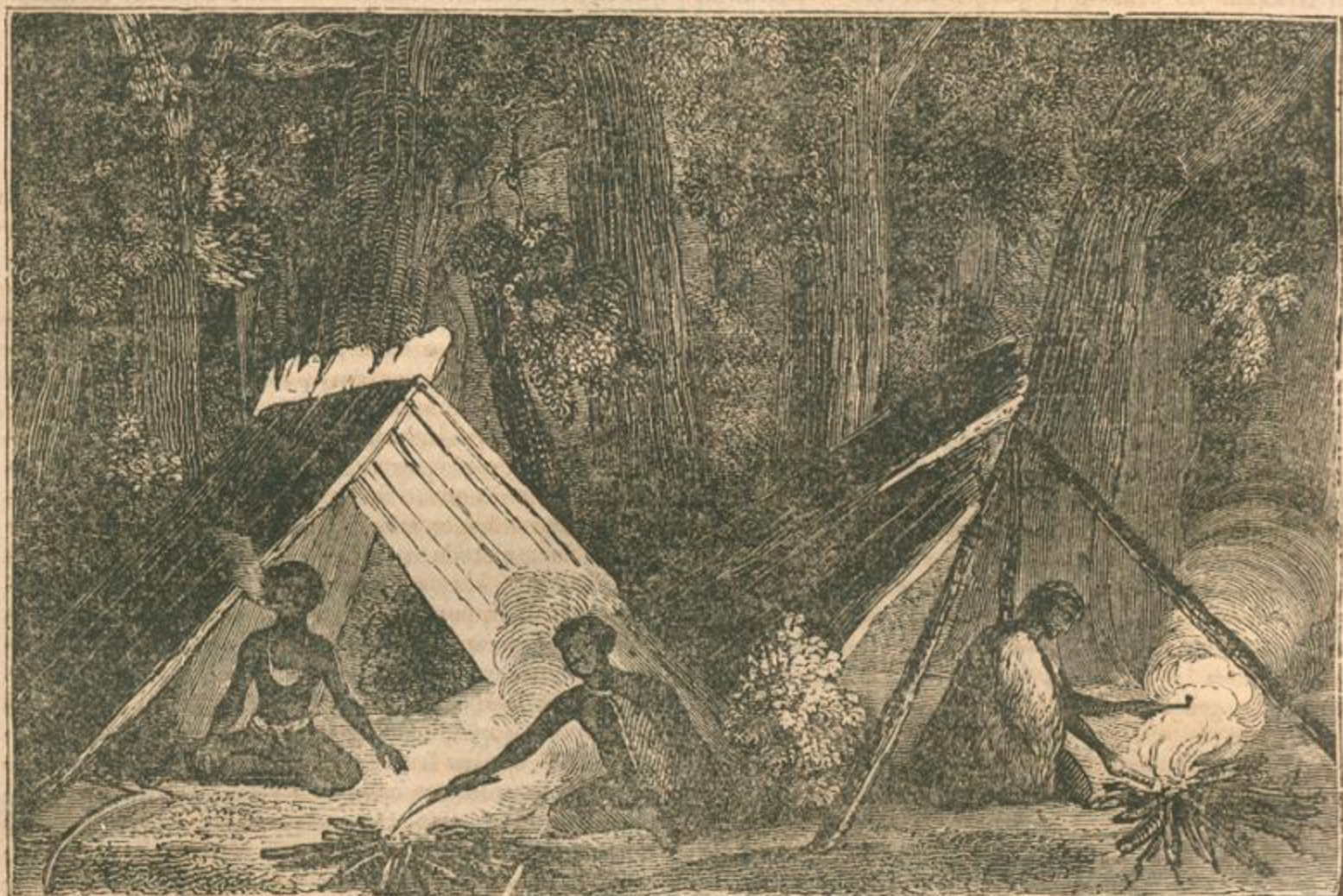
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

38) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (JANEIRO 20, 1838)



SCENA NOCTURNA — OS GUNYAS.

GUNYAS OU HABITAÇÕES DOS NATURAES
DA NOVA GALLES DO SUL.

A OCEANIA, que fórma a quinta parte do mundo, offerece agora aos curiosos de saberem costumes e circumstancias de paizes extranhos, ampla colheita de materias novas, que lhes devem ser grandemente agradaveis. Já n'outra parte [*] fallámos dos costumes selvagens da Nova Hollanda, de que é parte a Nova Galles do Sul. Desta tractamos agora em particular, limitando-nos a descrever as habitações dos indigenas, principalmente durante a noite, occasião em que se reúnem os membros de cada tribu; porque a sua vida, despida de todas as artes da civilisação, os obriga a vaguear de dia pelos mattos, em demanda do sustento.

A cerca destas reuniões nocturnas falla largamente um viajante inglez, que conversou muito tempo os povos daquellas brenhas. Da sua narração extraímos o que vamos dizer; bem como damos copia do desenho, que elle mandou para Inglaterra, de uma scena de noite nas choupanas, ou *Gunyas*, como lhes elles chamam, dos selvagens da Nova-Galles do Sul.

“Assentámos as nossas barracas n'um bosque de certa casta de sobreiros que se dão na Nova Hollanda, e ouvindo dizer que uma tribu de negros jazia na vizinhança, eu e um companheiro meu, determinámos ir visita-la á noite. Logo, por tanto, que a lua surgiu no horizonte, saímos na volta do logar onde nos di-

ziam que elles estavam. Brevemente chegámos á vista das fogueiras que os pretos haviam accendido, e com toda a cautella nos fomos approximando daquelle sitio.”

“E' de notar que os negros fazem grande caso dos cães da Europa, não para se ajudarem delles na caça; mas porque ladram quando alguem se aproxima dos gunyas. Apenas podémos ser sentidos, saltora conosco uma matilha de gozos magrissimos, e meios mortos de fome; mas ouvimos logo donos chamarem por elles com voz de azedume, e assim podémos ver tudo á nossa vontade.”

“Depois de anoitecer raro será que um daquelles barbaros saia do seu gunya; e por isso, de fóra andámos examinando as acções particulares e as occupações de cada familia. E' extremamente curioso observar os costumes de qualquer tribu naquellas occasiões, em quanto, ao seu modo, se banqueteam, e repousam das fadigas do dia. Tem, comtudo, muita difficuldade o descrever a scena extraordinaria de oitenta ou noventa negros, homens, mulheres e creanças, assentados ao pé das fogueiras, e cercados pelas trevas da noite. O desenho que apresentamos, ainda que longe de dar a conhecer a realidade em toda a sua extensão, dá pelo menos, uma leve idéa della.”

“A primeira choupana que vimos foi a do principal ou cabeça da tribu. Estava este encruzado no chão entre as suas duas mulheres, e fumando n'um cachimbo pequeno. Nenhum vestuario tinha, salvo a tanga

(*) Pag. 121 do I.º vol. (1837).

sobre os rins. Trazia pendurada do pescoço uma cadeia que fechava n'uma chapa de bronze do feitio de meia-lua, e na qual estava escripto o seu nome. Quanto se podia perceber á luz da fogueira, era um homem robusto e nervoso. Havia naquelle momento acabado de comer, e as suas duas mulheres estavam avidamente attentas a comerem os restos dos kangurúzes e sarigueias [*] de que elle ceava; e de pedaço a pedaço tiravam do brazido pequenas tuberas e inhames. Quando os cães procuravam chegar aos bocados de comida, davam-lhes no focinho, e riam muito vendo-os logrados, e irem-se ganindo com sua fome. Ambas ellas eram moças, porém feias; estavam cubertas com os capotes, que usam, de pelle de sarigueia, tinham a cabeça adornada de dentes de kangurús, na cartilagem do nariz atravessado um ossinho e um collar de canudos de canna amarellas, composto de pequenas peças."

"Nas outras choupanas, homens e mulheres de todas as edades se entretinham de diversas maneiras: uns fumavam, outros brincavam com as creanças: alguns rapazes adestravam-se a manejar o tomahawk ou facha d'armas, outros revolviam a terra com bordões, imitando as mães no procurarem as raizes de que, em parte, se alimentam. Alguns homens mais industriosos concertavam entretanto as armas, outros já dormiam; mas observámos que antes de adormecer todos cantavam uma especie de cantiga, que ás vezes era acompanhada em côro por quatro ou cinco; e este canto, posto que a musica fosse barbara, não desagradava; porque a lingua daquelles selvagens é harmoniosa, e na toada e pronuncia se parece muito com o grego.

MILICIA DA EDADE MEDIA.

2.º

QUANDO no n.º 28 do Panorama publicámos um longo artigo sobre este objecto, declarámos logo que era impossivel pôr naquelle logar tudo o que havia a dizer sobre materia tão vasta e que bastaria para encher um arrasado volume: desde então para cá muitas pessoas nos teem pedido voltemos a escrever o mais que havemos podido alcançar sobre a antiga milicia: fa-lo-hemos, até para satisfazer a promessa com que pozemos termo ao referido artigo. Começaremos por fallar das fortalezas e castellos, e sobre o modo de as tomar e defender.

Nos primeiros seculos da monarchia portugueza as correrias dos mouros, as guerras frequentes com Castella, e as dissensões intestinas que, segundo consta do livro do conde D. Pedro, quasi diariamente se levantavam entre os senhores dos diversos districtos, obrigaram a estes e aos nossos primeiros reis a fundarem castellos novos ou a reparar os antigos, de que o paiz estava cuberto, em consequencia das revoluções e conquistas que durante muitos seculos, as Hespanhas tinham soffrido. Em todas as povoações que se fundaram ou se restauraram, estes castellos eram edificados, e nelles achavam os povoadores abrigo das correrias e commettimentos de toda a casta de inimigos. Este beneficio tinha porém seu desconto nas vexações que muitas vezes os alcaides-móres ou senhores dos castellos practicavam para com os visinhos das povoações. Seguros em suas fortalezas da vingança do povo, gosando muitas vezes de uma auctoridade illimitada, se em umas occasiões serviam de amparo aos pequenos, em outras lhes serviam de flagello. Ainda

[*] Animas do genero *didelphis*, que significa *duplicada madre*, chamados assim porque teem um sacco por debaixo do ventre, onde se mettem os filhos, que dão á luz, antes que elles possam fazer uso dos seus membros, differindo neste ponto do resto dos animaes.

em 1410, nas côrtes de Lisboa, se queixavam os habitantes de Santarem de que o seu alcaide tivesse em certa torre uma gaiola em que mettia junctamente homens e mulheres conforme lhe aprazia. Estas torres eram ordinariamente no Aleacer, nome que se dava ao palacio ou casa fortificada no interior do castello, na qual residia o alcaide-mór, e que tambem se chamava alcaceria, alcáçova, ou alcaceva; posto que alcaceva mais communmente signifique fortaleza velha ou arruinada. Tambem era, provavelmente, nestes paços fortificados que estavam as torres albarrans, onde se guardavam os dinheiros publicos, as quaes existiam não só nos castellos de Coimbra, Lisboa e Santarem, mas tambem nos de outras povoações, como consta do Necrologio de Lamego.

As fortificações dos castellos compunham-se a principio de uma muralha, que o cercava em volta, sem outra regra, ao que parece, mais do que as ondulações do terreno. Nesta muralha ou *cerca* se alevantavam torres de espaço em espaço, denominadas cubellos, bastilhões e camaranchões, isto tudo era rodeado pela cava, ou carcova, fóra da qual ficava um parapeito a que chamaram primeiro barbas-caãs e depois barbacans. Ainda hoje em muitas partes de Portugal restam vestigios destas fortificações, ou, *apartamentos*, como então lhes chamavam. O alto dos muros era coroado de ameias, por entre as quaes os de dentro faziam toda a casta de tiros, quando eram commettidos. Havia tambem setteiras nas torres; estas setteiras apparecem abertas até nas ameias de alguns antigos castellos nossos. Em varios sitios dos muros, e principalmente juncto das portas, havia certas frestas inclinadas para baixo, por onde se podia a cuberto ver o sopé do muro, e fazer para alli tiros. Chamavam a isto os francezes *machicoulis*; e porventura era o mesmo que os portuguezes denominavam *balhesteira* ou *besteira*. Segundo parece, era ao laço do muro que corria entre cada uma das torres, que chamavam *quadrella*, pelas quaes se dividia a gente d'armas, em troços ou companhias encarregadas de as defender. Tinham os castellos, além das portas principais, que geralmente eram levadiças, uma porta escura chamada da *traição*, por onde os sitiados saíam a fazer arremetidas, a recolher mantimentos, e por onde muitas vezes fugiam, vendo-se em grande aperto. Nas torres ou sitios mais altos do castello eram as atalayas, onde se punham homens que tinham o mesmo nome, para vigiarem os inimigos, e d'alli se faziam signaes com fachos a pedir soccorro; a estes fogos chamavam *almenaras*. A torre de menagem era talvez o mesmo que o Aleacer fortificado: porque esta torre era o ultimo abrigo dos defensores de qualquer castello, e onde o alcaide-mór sustentava no ultimo trance a *menagem* que tinha feito ao rei ou senhor de quem dependia. Estas torres ainda hoje se encontram nos castellos arruinados de Portugal.

A multidão de castellos que havia no reino não permitia que os reis os podessem construir e reparar á sua custa. De tempo immemorial existia, portanto, o seguinte methodo para se fazerem estas obras. Todos os habitantes de qualquer concelho eram obrigados a certo imposto para as fortificações e reparos dos castellos, ou a irem ali trabalhar pessoalmente quando disso se carecia. A tal obrigação e imposto se dava o nome de *adua*, ou *amuduva*, e tão vexatorios chegaram a ser estes impostos e serviços que D. Afonso 3.º os minorou consideravelmente em 1265, exceptuando das aduas certas classes de pessoas, e ordenando que para este mister ninguem fosse chamado senão em tempo de guerra ou de grande necessidade.

A cargo dos alcaides-móres estava a defensão e governo dos castellos. Era esta dignidade uma das mais

importantes dos tempos antigos; nem se conferia senão a pessoas de illustre ascendencia, que por não deshonrarem sua familia e seu nome, preferissem antes morrerem do que atraçoarem seu senhor, entregando por nenhum caso o castello que lhe fora confiado. A minima ommissão no desempenho dos seus deveres era considerada como crime digno da morte. Antes do reinado de D. Diniz o alcaide-mór tinha tambem jurisdicção civil, d'onde vem chamarem-lhe pretor nos antigos documentos. Neste reinado, porém, essa auctoridade lhe foi tirada, ao menos em algumas povoações do reino. Quando morria qualquer alcaide-mór tomava conta do castello o parente mais proximo, e quando não o havia, faziam os moradores eleição de quem lhes parecia até elrei prover no caso.

As rendas das alcaidarias consistiam em uma grande multidão de impostos, e em multas que as leis comminavam contra varios crimes: havia, além disso, propriedades dependentes do castello, cujo producto augmentava os rendimentos do alcaide-mór. Com isto era elle obrigado a defender o dicto castello, e a te-lo provido de gente, armas e bastimentos. Para fazer as suas vezes, em varios casos, tinha um alcaide-menor ou pequeno, que parece principalmente se occupava em arrecadar os impostos, multas e rendas pertencentes á alcaidaria.

Diferente da guerra moderna, a guerra na idade media se fazia principalmente combatendo os logares fortificados ou castellos; porque para conquistar uma provincia ou reino era preciso render estes, visto que todas as povoações de algum momento os tinham, e que ahi se recolhiam os habitantes dos logares abertos, no caso de invasão. Na longa lucta que Portugal sustentou com Castella, no tempo de D. João 1.^o, a historia não nos apresenta, salvo a batalha de Aljubarrota, e um ou outro recontro de pouca monta, senão cercos e combates dados juncto a muros de castellos. E' sobre estes assedios e ataques que nós julgamos dever aqui lançar o que mais curioso temos encontrado a este respeito, ajudando-nos tambem de uma memoria inedita sobre este assumpto, que nos foi communicada por um distincto official de artilharia.

Quando um exercito pertendia assaltar qualquer castello ía assentar arraial ao redor, fóra do alcance dos tiros dos sitiados, e este arraial era ordinariamente cercado de cavas e de vallas ou trincheiras: então começavam a aprestar os engenhos para baterem o castello. Estes engenhos eram de diversas especies e maneiras, sendo os principaes os seguintes.

1.^o Bastida — Era uma especie de torre, cujo desenho se póde ver na primeira estampa do n.^o 23 do Panorama, a qual andava sobre rodas, e era cuberta com um tecto forte e forrado de couros, para abrigar os soldados que dentro iam. Esta torre, por via de regra, mais alta do que os muros, se aproximava delles, e de dentro della lançavam uma ponte por onde os sitiadores se travavam corpo a corpo com os sitiados.

2.^o Gata — Não sabemos bem que machina fosse; no sentir do auctor do Elucidario era uma especie de torre em que os gastadores se chegavam aos muros para os derribar. Mas Fernão Lopes, fallando della, diz que servia para tomar um castello depressa e com pouca gente; o que nos faz crer que antes era machina para escalar muros do que para os picar, sendo este methodo de ataque, por ventura, o mais demorado de todos.

3.^o A escala — Chamavam os antigos escalas ás escadas que se encostavam aos muros, e por onde subiam os mais ousados quando se assaltava qualquer castello. Estas escalas andavam ordinariamente ensarretadas.

4.^o Os engenhos — Esta é a denominação com que, nos nossos antigos escriptores, parece querer-se indicar genericamente os trabucos, a catapulta, a ballista, e toda a sorte de machinas para arremessar pedras, ballas de chumbo, quadrellas, virotões e mais projecteis, dentro da cerca dos castellos.

5.^o Mantas — Eram uma especie de barracas moveis, feitas de grossas vigas e taboões, debaixo das quaes iam os soldados picar os muros: tambem com ellas se amparavam os eirados das bastidas.

6.^o Manteletes — O nosso Moraes diz que os manteletes eram o mesmo que as mantas. Parece mais provavel que fossem pequenas mantas levadas por um ou mais soldados que unindo-as fizessem uma especie de escudo ou anteparo contra os tiros dos sitiados, e semelhante á *testudo* ou tartaruga que os romanos usavam de fazer com os escudos. Taes eram os principaes meios que se empregavam nos commettimentos das fortalezas, antes da invenção da artilharia. Analogos eram os que se empregavam na defeza. Os sitiados usavam dos mesmos engenhos para arremessar projecteis. Além disso procuravam queimar as bastidas, com artificios de fogo, quando estas se approximavam, e cegar os sitiados deitando-lhes em cima cal em pó.

Uma traça muito usada para tomar os castellos era a das minas, que se abriam até chegarem por debaixo dos muros, e então lhes punham *contos* [escoras] a que depois deitavam fogo, fazendo assim cair grandes lanços de muro. A estas minas obviavam os cercados com outras, vindo muitas vezes a haver renhidos combates debaixo do chão, entre os sitiadores e os sitiados.

Como para chegar á cerca dos castellos era preciso passar a cava, usavam *cega-la* com matto, páus e pedras. Quando estas cavas estavam cheias d'agua abriam-se outras em distancia e mais baixas, as quaes se faziam por algum modo communicar com as do castello, para assim as escoar. Isto sabemos nós por um fragmento do já citado livro de Fr. João Verba, onde tambem se recommenda que procurem ter os sitiados cavas fundas e sempre inundadas, como um dos grandes meios de defensão, visto que as minas não podiam passar por baixo destas cavas sem se alagarem.

Com a invenção daquillo a que hoje damos exclusivamente o nome de artilharia, algumas mudanças se fizeram, ainda no 14.^o seculo e principios do 15.^o, na fortificação, commettimento e defensão das fortalezas; mas estas mudanças foram poucas e lentas. Porventura não se achou que as bombardas levassem grande vantagem aos engenhos até ahi usados, ou a dificuldade de *construir* estas novas machinas de guerra, e a imperfeição dos reparos ou leitos que se veem na 1.^a estampa do n.^o 23 limitou o seu uso. Parece provado que as primeiras peças de campanha que se viram em Portugal foram as que os castelhanos trouxeram á batalha de Aljubarrota: duvidamos, e muito, que antes disso as bombardas tivessem servido nos assedios das fortalezas, e que não fosse naquella batalha que os portuguezes pela primeira vez ouviram o estampido da polvora.

Convem, antes de tudo, advertir que a palavra *trom* não é synonymo de bombardas, aliás não diria Fernão Lopes que em Aljubarrota os castelhanos traziam dezesseis *trons* e bombardas. O valor do vocabulo *trom* é *cousa que troa*, e por tanto era applicavel a qualquer machina que disparando-se fizesse ruido; e por isso quando se falla de *trons* anteriores a esta epocha, nada nos induz a crer que se deva entender serem canhões esses *trons*.

Cumpre tambem notar que as palavras *artilharia* e *tiro* não significavam antigamente o mesmo que hoje significam. Em qualquer pagina dos nossos escri-

ptores, ainda do seculo 16.^o, se achará *tiro* significando toda a sorte de armas de arremesso. Quanto á palavra *artelharía*, a ordenação affonsina a define; *engenhos, bombardas, escalas e outras quaesquer cousas necessarias para feito de guerra*. No regimento de guerra, inserto na mesma ordenação, e que originariamente se attribue a D. Diniz, se falla já de *artelharías*; e de *artelheiros* n'um documento do seculo 10.^o [carta de Sesnando, bispo de Santiago, anno de 914]. Segundo os bollandistas, a *artelharía* tira o seu nome de *arctirerie*, que antigamente significava, em França, catapulta ou balista.

Duarte Nunes de Leão, tractando de acontecimentos anteriores á epocha em que nos parece appareceu

a *artelharía* em Portugal, falla, na verdade, do uso de polvora e bombardas; mas porque não se enganaria elle, como outros tantos se enganam, tomando a significação do vocabulo moderno pela do antigo? Os que teem versado as nossas historias sabem o peso que se deve dar ás palavras de Nunes de Leão, que tantas vezes tractou de leve as materias sobre que escreveu.

Tendo dado noticia do que pertence á edificação, governo, commettimento e defensão das praças de guerra, na idade-media, guardamos para outro artigo accrescentar mais algumas curiosidades sobre o que dissemos no primeiro sobre a milicia em geral desses tempos.



CERVANTES.

CERVANTES.

MIGUEL de Cervantes Saavedra nasceu na cidade de Alcalá de Henares em 1547. Muito moço partiu para Roma onde foi camareiro do cardeal Aquaviva. Desgostoso do seu estado servil, alistou-se nas tropas do papa, e embarcou-se na armada do almirante Colonna, que formava parte da frota com que D. João d'Austria combateu os turcos em Lepanto. Nesta batalha naval, a mais celebre dos tempos antigos, recebeu Cervantes uma arcabusada de que perdeu a mão e parte do braço esquerdo. Voltando depois a Hespanha na galera *el Sol* foi ella tomada por Arnaut Mami renegado albanez e corsario d'Alger. Ficou Cervantes captivo, e no seu captiveiro não cessou um momento de trabalhar para recobrar a liberdade; mas todas as suas tentativas foram baldadas, e muitas vezes esteve a ponto de ser empalado. Assem, Dey d'Alger, costumava dizer de Cervantes: *em quanto este maneta estiver seguro, tambem eu o estarei da minha ci-*

dade, dos meus navios, e dos meus escravos. Os frades da Trindade o resgataram por fim, e voltando a Castella, alcançou o mesquinho emprego de recebedor das *tercias e alcabalas* do reino de Granada. Não lhe bastando isto para viver, Cervantes lançou da penna a mão que lhe restava; mas se immortalisou o seu nome, não melhorou de condição. Havendo-se casado depois de voltar de Alger, ajunctára ás suas alhêas miserias, e, reduzido a grande estreitesa, morreu em Madrid em 1614, com sessenta e oito annos de idade, que foram quasi outros tantos de padecimentos.

A mais celebre das obras de Cervantes é sem duvida o *D. Quixote*; este romance, conhecido hoje em toda a Europa, traduzido em tantas linguas, foi recebido em Hespanha com indifferença e porventura com desprezo. Se é licito darmos a razão deste phenomeno, ella consiste em que Cervantes escreveu n'uma epocha em que o espirito da generosidade e da cavallaria estava ainda arreigado nos corações dos hespanhoes, e *D. Quixote* era um escarneo mui pungente.

te do espirito cavalleiroso daquella illustre nação. Desenganado de todos os sentimentos mais poeticos da sua alma, digna de melhores tempos, vendo desabar successivamente sua gloria, como soldado, e como escriptor, vendo menoscabada sua virtude e brios, Cervantes soltou o sorriso infernal da desesperação, e este sorriso terrivel do genio tomou um vulto, traduziu-se em vida na historia de D. Quixote. Pouco antes de Miguel de Cervantes morrer, perguntava-lhe o licenciado Francisco Nunes o verdadeiro nome do cavalleiro da Mancha: "D. Quixote sou eu" foi a resposta do desgraçado escriptor. Assim era que elle legava aos que o tinham calcado como um verme o ferrete da infamia, que na frente lhe haviam estampado; assim lhes herdava um livro, que, escudado com o proprio merito, ajudaria os tyrannos a envilecer o character nobre e ousado dos antigos hespanhoes. Acaso calculou já alguem o damno que fez á virtude o livro immortal de Cervantes? Quem, depois de ler D. Quixote, ousaria proteger o fraco contra o forte, quem não se envergonharia de um respeito exaggerado ás mulheres, quem luctaria pela gloria da patria, se tudo isto estava polluido e amaldiçoado pela mais cruel das maldições, a do desprezo e do ridiculo? Certo, que D. Quixote nunca ensinou tyrannias nem crimes, mas aplanou os caminhos dos tyrannos e malvados cubrindo de lodo as mais generosas virtudes. Tal é a vingança do genio. Cento e cincoenta annos depois da morte de Cervantes, a historia de D. Quixote tinha chegado ao auge da sua reputação: e tambem a Hespanha tinha chegado ao fundo do abysmo em que a precipitara a perda dos velhos costumes e opiniões de seus filhos. A idéa que gerara a novella estava realisada emfim.

Além da D. Quixote escreveu Cervantes muitas outras novellas: a *Amante Liberal*, a *Hespanhola Inglesa*, a *Força do Sangue*, as *Duas Donzellas*, a *Senhora Cornelia*, a *Tia Pingida*, a *Ciganinha de Madrid*, *Rinconete e Cortadillo*, o *Licenciado Vidrento*, e varias outras conhecidas [como parte das que apontámos] pelo nome de *novellas exemplares*. A sua ultima obra, a qual acabou pouco antes de morrer, é a *Historia dos Trabalhos de Persiles e Sigismunda*, novella que elle preferia á maior parte dos seus escriptos.

Cervantes tambem escreveu versos; mas na opinião de respeitaveis criticos hespanhoes, elle era fraco ver-sejador. Deixou um bom numero de comedias e entremezes, e uma tragedia intitulada *Numancia*, obra de curta valia. Como escriptor comico merece Cervantes grande louvor pela vivesa do seu engenho, e pela agudesa e sal com que soube tractar a difficil arte da comedia, sem embargo da sua inferioridade como metrificador.

O REMEDIO VIOLENTO.

PELA entrada de Dezembro chegou a Petersburgo um italiano: a primeira vez que saiu fóra não se acautelou, e gelou-lhe o nariz. Quando isto acontece, logo se percebe pela côr da pelle: um camponez que passava, conhecendo isto, agarra um punhada de neve, e sem dar palavra, começa a esfregar com ella a cara do italiano, por ser este o remedio usado na Russia. O homem do nariz gelado toma este bom serviço em conta de affronta, encolerisa-se, e começa a servir o medico de punhadas e pontapés: ajuncta-se gente, chega um cabo de policia, desculpa-se o camponio, ralha o italiano: felizmente o cabo de policia fallava francez, e a questão aclarou-se. O italiano desfez-se em satisfações, e, para as corroborar, puxou

por uma *nota azul* [dez tostões] e deu-a ao esfregador, que, tomando alento com este beneficio, continuou a operação. Acabada esta, retirou-se o italiano, agarrando o nariz com toda a ancia, e dizendo muitas vezes. "Quem haverá em Florença, que crea em semelhante historia!"

SERMÕES DE VIEIRA.

MUITOS creem que a estima que os eruditos fazem dos sermões do padre Vieira, procede só da puresa e elegancia da sua lingoagem, e persuadem-se que esses sermões são falhos da verdadeira eloquencia. Esta idéa errada deve-se, em grande parte, ao modo por que o nosso Verney tractou o grande orador portuguez no *Novo Methodo de Estudar*: mas os que pensam assim estão longe de saber avaliar Vieira.

O padre Isla, auctor do engraçado e judicioso livro da *Historia de Fray Gerundio de Campazas*, em que mette a bulha o depravado gosto dos pregadores do seculo desesete, fez inteira justiça ao genio do celebre jesuita. Depois de o reprehender dos defeitos em que caíu, e das agudesas e ouropéis com que principalmente adornou os seus panegyricos, prosegue nos seguintes termos:

"Pelo que toca á eloquencia que persuade [que é a unica que merece o nome de eloquencia castiça e de lei] quizera que me apontassem outra mais activa, mais vigorosa, mais triumphante do que a do padre Antonio Vieira, nomeadamente em todos os sermões exclusivamente moraes, e ainda em muitos dos panegyricos. Leam com reflexão os assumptos capitaes que tracta nos sermões do Advento e da Quaresma, onde esmiuça os Novissimos e faz sobresaír as verdades mais terriveis da religião; e digam-me, se algum orador, dos antigos ou modernos, tractou nunca estes pontos com maior vivesa, com maior solidez, com maior valentia, ou com mais triumphante efficacia."

Este testemunho dá tanto mais realce á nossa gloria litteraria, que é dado por um estrangeiro, e que o padre Isla se mostrou inexoravel para com todos os oradores que contribuíram para a corrupção da eloquencia.

O papa Adriano edificou um collegio em Lovaina, no qual mandou pôr a seguinte inscripção: Utrecht me alevantou, Lovaina me deu agua, Cesar me deu esplendor: — um curioso accrescentou-lhe por baixo: só Deus não fez aqui nada.

FORRO DE EMBARCAÇÕES.

HA ANNOS que se tracta de uma questão importante para a navegação do mar largo — o substituir o cobre pelo bronze no forrar os navios. No porto de Cherburgo se experimentou em 1824 que o estrago do forro de bronze, anda por metade do que sofre o de cobre, e que por cada tres mezes que é preciso concertar o forro de cobre, basta um concerto ao de bronze. As mesmas experiencias se fizeram no paquete *Frolic* de Plymouth, e os resultados foram igualmente vantajosos. O *Gol*, navio francez, que fez uma viagem á India forrado de bronze, e a embarcação balearia *le Bourbon*, que andou por fóra desoito mezes, confirmaram plenamente as vantagens do novo modo de forrar. Nas forjas de Imphy se fazem as folhas necessarias para este mister com toda a perfeição. Entram na composição do bronze 91 partes de cobre, e 9 de estanho. Este novo uso de semelhante metal para um fim tão proveitoso, tem sido geralmente ado-

ptado; e em varias armações, preparadas para a pesca da balêa, tem sido o ferro de bronze preferido pelos armadores francezes. Parece-nos que qualquer companhia de navegação ou de pesca, estabelecida em Portugal, devia fazer nesta materia as necessarias indagações para examinar as vantagens que d'ahi poderia tirar para diminuir as suas despesas e augmentar os seus lucros.

RECEITA REAL CONTRA O FASTIO D'UM ABBADE.

HENRIQUE 8.^o, tão famoso nos annaes inglezes, andava um dia á caça, nas mattas de Windsor, e desgarrando-se da sua comitiva, foi parar á abbadia de Reading: chegou a horas de jantar, e convidaram-no para a meza do abbate, como quem, pelo traje, inculcava ser, isto é, um creado da casa real. Apresentaram-lhe um faganhoso lombo de vacca; e Henrique foi tasquinhando como quem não tinha almoçado. O abbate, que o via devorar os bocados de carne assada, disse-lhe, com affectada compunção: "*Filho, quanto folgo de vêr o vosso desembaraço. Dera de boamente com libras para poder fazer outro tanto. O meu estomago frouxo e cansado só pôde digerir uma pequena perna de coelho ou alguma azinha de frangão.*" Henrique, como por motejo, deitou mão da promessa, e o frade, inscio da pessoa a quem fallava, a confirmou asseverando daria as 100 libras a quem o curasse. Findou o jantar, e o monarcha retirou-se, incognito, como entrára.

Poucos dias tinham decorrido já o abbate de Reading se achava posto a bom regado no quarto mais seguro da torre de Londres, onde, por uma semana, o fizeram jejuar a pão e agua, unico sustento que lhe ministravam. Não era porém tanto a penuria das iguarias, que o atormentava, como o susto, por ignorar porque motivo incorrera na indignação real. No cabo da semana intimaram-lhe a soltura, e poseram-lhe diante um bom lombo assado: o padre, por descargo de consciencia, verificou o adagio de que [para quem tem saude] *tres dias de mau passadio tiram o nojo e o fastio*. Quando mais empenhado estava na tarefa lhe appareceu Henrique reclamando as cem libras promettidas. "*Eu fui vosso medico; restabeleci o vosso estomago debilitado; a recompensa, que marcastes, me é devida.*" Pagou o frade pontualmente, muito satisfeito de ficar quite por tão pouco; e tomou logo o caminho da abbadia, um pouco mais leve da bolça, é verdade, mas tambem muito mais alliviado de cuidados do que quando de lá saíra.

TRIBU NOTAVEL DO MEXICO.

NA PROVINCIA de Oaxaca ha uma tribu cujos costumes e privilegios são interessantes. Vive esta na povoação de Itchicovi, que é talvez o unico ponto no Mexico onde a raça dos naturaes tem prosperado, talvez em consequencia de viver solitaria e do costume que tem de enterrar os metaes preciosos. Pastos abundantes lhes sustentam os rebanhos, e as sementeiras de milho os abastecem do necessario sustento. Abunda o paiz de algodão, e os proprios naturaes fabricam os seus vestidos. Mandam para Oaxaca tabaco, cochonilha, alguma baunilha, que lhes nasce espontanea nos mattos, e o remanescente do algodão que não precisam. Estas mercadorias, vendem-as só a dinheiro de contado, que é enterrado apenas chega a Itchicovi, segundo antigo costume de seus avoengos; porque um dos seus artigos de fé vem a ser que passados uns tantos annos que hão-de andar pelo outro

mundo, virão de novo habitar no sitio que lhes deu o berço. A epocha da sua tornada a Itchicovi não está bem apurada; mas creem firmemente que a morte não os condemna senão a um longo desterro. Como na volta os campos que ora cultivam estarão baldios, e as suas cabanas terão caído, vão agora ajuntando com que remediar depois as suas mais urgentes necessidades; e daqui nasce o enterrarem todo o dinheiro que colhem ás mãos. Os cabeças de familia tomam isto a seu cargo, e raro será que um filho descubra o thesouro de seu pae. De tempos remotissimos este povo goza de todas as exempções, e se governa a seu geito: todos os annos elegem, á pluralidade de votos, um regedor a que chamam, á maneira dos hespanhoes, *alcalde*, e a quem conferem a suprema auctoridade: dão-lhe vinte aguazis, que são obrigados a obedecer-lhe em tudo e por tudo em quanto reina: pôde durante este periodo prender, julgar e punir á sua vontade: governa, emfim a seu bel-prazer; mas pobre d'elle, se abusa da auctoridade! — acabado o anno, é um simples particular, e no mesmo dia da sua abdicção é levado ao *cepo* onde paga com a eabeça qualquer abuso de poder.

Conservou-se muito tempo em Itchicovi o culto mexicano; e actualmente é só por uma especie de condescendencia que os habitantes admittem um padre que lhes diz missa, baptisa, casa, e enterra, com a condição de tolerar os ritos idolatras. Em certas epochas vão illuminar os bosques sagrados, immolam gallos para terem abundantes colheitas, rendem cultos aos seus feiticos e idolos; nem receberiam a benção nupcial, se o parcho lhes não permittisse dançarem meia hora á porta da igreja. Com esta cortesia reciproca vivem em boa paz o pastor e as ovelhas. A pobreza desta gente, e o deserto a que se acolhem, bastou-lhe para ser esquecida de seus vencedores. Deixam-lhe as usanças velhas ainda hoje, porque nada custa administra-los, e porque respeitam os seus habitos como restos de um monumento truncado. Teem os indios a hospitalidade em conta de um dever; mas em Itchicovi practicam-a com luxo. O estrangeiro que por alli passar é recebido n'uma hospedaria publica destinada para este ministerio, e dois individuos se poem, gratuitamente, ás suas ordens, durante todo o tempo que por alli se demora.

CHA' DE FLOR DE LARANJA.

PREPARA-SE com as flores de laranja um chá muito mais aromatico, e tão saudavel como o da India, operando da maneira seguinte:

Em estando abertas as flores de laranja escolhe-se uma noite serena em tempo secco e quente, colhem-se as flores e estendem-se sobre uma mesa, mas não em monte, por que o calor as faz fermentar mui rapidamente, com especialidade tendo sido molhadas; e por isso quando tiver havido a mais pequena chuva é necessario transferir o apanho para o dia seguinte. Tambem se deve ter em vista, que quem permanecer n'um logar fechado onde haja certa porção destas flores, expõem-se a uma asphyxia muito agradavel na verdade, mas perigosissima, e que não cede senão ao uso dos acidos, e á exposição do ar livre. Esta reflexão applica-se não sómente ao perigo que resulta de as alimpar, como vamos explicar, n'uma casa fechada, mas tambem ao de se exporem, mesmo ao ar livre, ao cheiro activissimo que exalam estas flores, principalmente se o calor é muito grande e o tempo carregado, como vulgarmente se diz. Colhe-se pois a flor inteira, estende-se em camadinhas sobre as mesas, e em quanto umas fazem a colheita, outras pes-

soas fazem a separação do que se deve aproveitar ou rejeitar: consiste esta separação em arrancar todas as pétalas de cada flor, cujos estames com as suas antheras, pistilos stigmata, ovarios, e finalmente os fundos dos calices, junctos com algumas flores inteiras podem dar ainda, mediante a distillação de tudo, principios muito balsamicos. Espalham-se sobre uma cançada as pétalas mondadas, e conservadas á parte, e expõem-se ao calor d'um forno depois de cosido o pão, ou seccam-se ao ar quando é quente, á sombra, n'um celleiro, cujo telhado conserva e transmite muito calorico. Continua-se a dessecção até que as pétalas encaracoladas, e amarellas, fiquem leves a ponto de pesar só meia onça a porção que d'antes pesava uma libra. Encerra-se n'um vaso bem tapado, n'um sitio secco, este chá, que tem a propriedade de attraír com muita facilidade a humidade do ar, e com estas precauções obtem-se uma infusão deliciosa muito preferivel, quanto ao sabor e effeitos, aos mais gabados chás da India.

EXEMPLO DE GORDURA EXTRAORDINARIA.

As TRANSAÇÕES philosophicas fazem menção de um homem, chamado Eduardo Bright, mercador de drogas no condado d'Essex, e fallecido na idade de trinta annos, o qual tinha uma gordura e peso tão desmarcados, que a historia não apresenta outro phenomeno do mesmo genero. As circumstancias da vida deste homem, e o estado de corpulencia em que morreu, foram verificados com exacção na parochia em que vivera, e onde foi enterrado.

Eduardo Bright provinha d'uma raça notavel sempre pela sua extrema gordura, e desde a mais tenra mocidade foi summamente gordo, robusto e activo. Fez muito exercicio até os dois ou tres ultimos annos da sua vida, epocha em que se tornou muito pesado. Como tinha grande força de musculos, andava com agilidade, e viajava a cavallo para tractar dos seus negocios. Na idade de doze annos e meio pesava 144 libras [é provavel que se refiram á libra de 12 onças] e no espaço de sete annos adquiriu tal corpulencia, que antes de ter chegado aos vinte annos pesava 336 libras; finalmente, indo sempre em progressivo augmento a massa do seu corpo, chegou a ter 584 libras de peso, treze mezes antes de fallecer, data em que pela ultima vez foi pesado. Cumpre observar que deste calculo fora deduzido o peso de todos os vestidos; porém como Bright não deixou de augmentar em volume até a sua morte, póde-se assegurar, segundo um calculo muito rasteiro, que pesava então 616 libras, pelo menos.

A sua estatura era de 5 pés e 3 pollegadas inglesas: a sua circumferencia, tomada debaixo dos soacos, era de 5 pés e 6 pollegadas, e na barriga de 6 pés e 1 pollegada: os braços tinham uma circumferencia de 2 pés e 8 pollegadas.

Sempre teve bom appetite, principalmente nos primeiros annos da sua vida, em que comia exorbitantemente. Bebia muito, especialmente cerveja forte, de que era muito apaixonado; porém nos ultimos annos já não despejava diariamente senão umas quatro garrafas da fraca. Além disto bebia meia garrafa de vinho depois de jantar, e um bule de ponehe, quando estava só; pois quando se achava em companhia bebia muito mais.

Logrou boa saude em toda a sua vida, excepto nos ultimos tres annos, em que foi atacado d'uma inflamação n'uma perna, de que foi curado por meio de copiosas sangrias, que, de cada vez eram de duas libras de sangue.

Casou-se aos 22 ou 23 annos, teve cinco filhos, e

deixou a mulher pejada. Era alegre e brincalhão, estimado de todos que o conheciam, e recommendavel por suas qualidades moraes. Morreu d'uma febre maligna, que durou quatorze dias. O corpo começou logo a corromper-se, apesar da frialdade do tempo. Foi conduzido á igreja em um carro de quatro rodas, puxado por dez ou doze homens, e desceram-o á cova por meio d'uma machina construida para esse effeito.

RECEITA PARA TORNAR AS AGUAS DOS POÇOS POTAVEIS E PROPRIAS PARA BARRELAS.

As AGUAS de poços não podem muitas vezes servir senão para simples lavagens; com tudo, mediante algumas preparações, poder-se-iam não sómente tornar potaveis, mas tambem proprias para todos os usos caseiros.

Como estas aguas só communicam com o ar pelo bocal do poço, não contém a quantidade d'ar [$\frac{1}{25}$ do seu volume] de que carecem para ser potaveis, basta para lhes dar esta propriedade encher d'ellas as duas terças partes da capacidade d'uma garrafa, tapar-lhe com a mão o gargalo e tomba-la horisontalmente, chocalhar por espaço d'um minuto, e repetir esta operação por duas ou tres vezes.

Para preparar grande porção d'agua de poços é necessario encher uma tina, e depois transvasar a agua duas ou tres vezes para outro vaso das mesmas dimensões, despejando-ad'alto com um balde, afim de lhe misturar a quantidade de ar sufficiente.

As aguas da chuva contém tambem um sal [o carbonato acido de cal] que as faz pesadas, difficeis de digerir, e improprias para nellas se coserem legumes. Como o sal é decomposto quando se eleva a temperatura, far-se-ha ferver a agua, e deixando-a esfriar n'um vaso de barro ou n'uma celha, trasfegar-se-ha ao cabo de vinte e quatro horas para separa-la do sedimento causado pela fervura, e depois baldear-se-ha ao o contacto do ar para restituir-lhe o que perdesse em consequencia de haver fervido.

Finalmente é da maior importancia communicar ás aguas dos poços a propriedade de fazer coser os legumes, de dissolver o sabão, e de servir para cenradas; mas por que os saes que ellas contém não os destroem a fervura, como no caso precedente, é indispensavel recorrer aos agentes chimicos.

A addição de uma libra de sub-carbonato de soda, [sal de soda dos droguistas] póde tornar propria para os usos domesticos desoito almudes de agua.

Deita-se a agua n'uma tina de conveniente grandeza, munida d'um pipo de madeira mettido obra de seis pollegadas distante do fundo; dissolve-se o sub-carbonato de soda n'uma vasilha contendo cinco para seis canadas de agua fria, e em este sal estando perfectamente dissolvido, lança-se a dissolução dentro da tina, remexe-se por espaço de cinco minutos, deixa-se em repouso 24 horas, ou mais se for necessario, até que a final a agua se clarifique e fique bem limpida, o que se poderá verificar tirando pelo canudo algumas gotas de quando em quando.

INFLUENCIA DOS CLIMAS E DA CIVILISAÇÃO SOBRE A MORTALIDADE.

SEGUNDO os calculos de Mr. Moreau de Jonnés, estatístico erudito, morrem annualmente:

Na Italia, na Grecia e na Turquia	1 pessoa de cada	30
Nos Paizes-B. ^{os} , França e Prussia	1 " " "	39
Na Suissa, Imperio de Austria,		
Portugal e Hespanha	1 " " "	40

Na Russia Europea, e na Polonia	1	1	44
Na Allemanha, Dinam. e Suecia	1	1	45
Na Noruega	1	1	48
Na Islandia	1	1	53
Na Inglaterra	1	1	58
Na Escocia e Irlanda	1	1	59

São tão claras as conclusões que se deduzem deste quadro, que é desnecessario particularisa-las; com-tudo cumpre fazer observar, como resultado geral, que de duas grandes causas depende principalmente a relação entre a mortalidade e a população, e vem a ser a influencia do clima e a da civilização. O clima favorece grandemente a duração da vida quando é frio, e até quando é rigoroso, ou quando concorrem a humidade da visinhança do mar e uma temperatura baixa. A menor mortalidade da Europa encontra-se nos paizes maritimos e proximos ao circulo polar, taes como a Suecia, a Noruega e a Islandia, e torna a apparecer nas regiões onde, como na Russia, não sendo a influencia do clima auxiliada pela da civilização, deixa que o homem desfructe uma longa existencia. As regiões meridionaes, cujo clima parece tão favoravel á especie humana, são pelo contrario aquelles em que mais periga a vida. Na Italia ha dobrada probabilidade de morrer do que na Escocia.

Falsificação da manteiga, e meio de a conhecer.— Um dos modos mais commumente usados de falsificar a manteiga ou as banhas consiste em incorporar-lhe batatas cozidas, e deste modo roubam no pêso e na quantidade, porque todo o pêso das batatas é pago sem proveito algum. Quem quizer certificar-se da qualidade d'alguma manteiga ou banha, suspeitas de haverem sido adulteradas, deverá faze-las ferver em dez vezes o seu pêso d'agua: o corpo estranho deposita-se, pelo resfriamento, no fundo do vaso. Então tira-se, com uma escumadeira, a gordura da superficie do liquido, e aquece-se para expellir a agua, que conserva. Depois de fria pesa-se, e obtem-se assim o pêso real da gordura, contida na mistura analysada.

Exame comparativo das propriedades nutritivas de alguns alimentos.—Conhecer as propriedades nutritivas das substancias de uso mais geral é, segundo nos parece, mais um passo dado para os melhoramentos concernentes á economia domestica; e por isso apresentamos a seguinte traducção d'uma noticia dada sobre este assumpto por MM. *Tercy e Herring*.

100 libras de pão contém materia nutriente	80	lib.
100 d. ^{as} de carne	35	lib.
100 d. ^{as} de feijões	92	lib.
100 d. ^{as} de favas	93	lib.
100 d. ^{as} de lentil.	94	lib.
100 d. ^{as} de cenour.	14	lib.
100 d. ^{as} de nabos	8	lib.
100 d. ^{as} de batatas	25	lib.

D'onde resulta que, aproximadamente, $\frac{3}{4}$ de lib. de pão e 5 onças de carne são eguaes a 3 lib. de batatas: que 1 lib. de batatas é igual a 3 de nabos; e finalmente que 1 lib. de favas, ou de lentilhas, é igual a 3 lib. de batatas.

Meio de livrar as arvores das lagartas.—Basta para isso, diz o auctor da receita, cingir o tronco da arvore, e os ramos mais grossos, com tiras de casca de amoreira; porque todos os insectos tem grande e natural antipathia a esta arvore, que parece ter sido reservada para nutrir, e defender ao mesmo tempo, os bichos da seda de todos os seus contrarios.

1659 — Victoria das linhas de Elvas. Os castelhanos que sitiavam aquella praça são accomettidos pelos portuguezes no seu arraial; é este roto e entrado: caem nas nossas mãos um grande numero de prisioneiros, artelharias, munições e bandeiras. 15

1432 — Nasceu em Coimbra D. Affonso 5.^o

1501 — Descobre Pedro Alvares Cabral a cidade de Cananor.

1513 — Fernão Peres d'Andrade toma a fortaleza de Upi nas visinhanças de Malaca, queima-a e arraza-a até os fundamentos; e o Patequitir, senhor della, recolhe-se ao sertão. 16

1505 — Fundada a fortaleza de Sofala por Pero de Anhaia, pertendem os mouros destrui-la neste dia á traição: os portuguezes são avisados deste projecto, repellem e desbaratam os inimigos, e é morto o rei Zufe de Sofala.

1556 — Abdicação de Carlos 5.^o, imperador de Allemanha e rei de Hespanha, em seu filho Philippe 2.^o 17

1565 — O exercito do Çamorim accomette a nossa fortaleza de Cananor, composto de cem mil homens; é repellido com grande estrago dos seus. 18

1368 — Morre elrei D. Pedro 1.^o chamado por uns o cruel, por outros o justiceiro, tendo quarenta e oito annos de idade e dez de reinado.

1509 — O celebre Duarte Pacheco destroe em combate, com força equal, um corsario francez, na altura do cabo de Finisterra: mette a pique uma das embarcações inimigas e traz as outras tres prisioneiras a Lisboa. 19

1464 — O infante D. Fernando irmão d'elrei D. Affonso 5.^o accomette a cidade de Tangere: — são rechaçados os portuguezes, perdendo trezentos homens, entre mortos e captivos.

1472 — Nascimento de Copernico, inventor do systema do Mundo, hoje geralmente recebido como unico verdadeiro.

1522 — Pertendem os mouros de Ormuz sacudir o jugo dos portuguezes: revoltam-se e attacam a fortaleza, depois de matarem todos os nossos que encontram por fóra: saíndo-lhes baldada a sua tentativa, lançam fogo á cidade e retiram-se da ilha para o continente. Ormuz fica reduzida a cinzas. 20

1551 — Nasce em Lisboa elrei D. Sebastião e no mesmo dia no anno de 1565 toma posse do sceptro na idade de 14 annos.

1556 — Mem de Sá governador do Brasil desbarata os francezes que haviam invadido aquella provincia, ajudados pelos selvagens Tamoyos.

1813 — Morte do poeta allemão Wieland, auctor do Oberon.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal N.^o 55 = 1.^o andar.